

Diferentes significações sobre o k-pop

Marcos Ribeiro das Neves

O trabalho foi artístado na EMEF Anna Silveira Pedreira. A escola pertence a Rede Municipal de Educação, fica localizada no bairro São Luis, zona sul da cidade de São Paulo. A tematização durou aproximadamente três meses.

Estávamos no mês de agosto e ainda diferentes vozes ecoavam no currículo. Aos poucos, identificava dia a dia muitos discursos que atravessavam os corpos dos estudantes e que faziam força para terem os seus conhecimentos potencializados.

Nos corpos, marcas de poder. Ao adentrar na escola, os estudantes demonstravam suas camisetas, outros abriam seus cadernos e socializavam comigo algumas fotos, no aparelho celular e nas caixinhas o som coreano fazia estremecer o esqueleto.



A minha leitura sobre aquele texto, o k-pop, era completamente míope, mesmo assim, meus olhos brilhavam quando perguntava sobre a cultura da dança para aqueles que se posicionavam como representantes dessa prática corporal conhecidos como blinks e armys.

No ano de 2019, o Projeto Político Pedagógico teve como título: *Gestão das aprendizagens e suas relações interpessoais*. Nesse sentido, o documento oficial da escola me convidava a observar com mais carinho a escolha da prática corporal, dialogar com as diferentes culturas e, durante o processo, potencializar seus conhecimentos.

Ao anunciar o tema para a turma, pedi para que falassem um pouco do que era essa dança, o que eles sabiam sobre o tema e de que maneira eles olhavam seus representantes. Nesse encontro, as armys (fãs na banda BTS) levantaram as mãos e começaram a compartilhar vários saberes sobre a dança coreana. Os códigos compartilhados que compunham a cultura corporal encheram a lousa de informações, ao mesmo tempo em que eclodiram discursos homofóbicos sobre os seus representantes.

Naquele dia, um dos garotos da sala teve a coragem de se aproximar de uma das estudantes que trouxe uma caneca do BTS e, por pura maldade, quebrou o artefato atirando ao chão, além disso, disse que k-pop era coisa de viado! Fato que gerou bastante incômodo na sala de aula por parte de todos, o que me fez crer que a escolha desse tema seria importante.

As informações que emergiram naquela aula, tais como, as bandas (Black Pink, BTS, TXT, Gangnam Style), o nome que as fãs de cada banda recebem (armys, blinks), as roupas, as shipadas e a maneira como as bandas se relacionavam com seus fãs pela internet, deu-me uma prévia de que aquele tema seria uma ótima oportunidade para tecer um trabalho interessante com as turmas.

Nessa altura, eu já estava atravessado pela alegria de aprender bastante com os estudantes. Para além dos muros da escola, minha companheira Bruna percebia minha felicidade, pois ao chegar em casa eu não parava de falar, ouvir as músicas e investigar sobre o tema. Estava atravessado por tudo aquilo!

Empolgado com o que estava acontecendo e, diante de tudo que aconteceu, na aula seguinte selecionei alguns vídeos e pedi para que eles dançassem livremente. Minha intenção era fazer com que os estudantes observassem a gestualidade da dança e, aos poucos, se apropriassem dela.

Após assistirem os vídeos ainda perguntei: O que vocês identificam que é de gay na gestualidade? E o silêncio pairou no ar! Parecia que os pequeninos estavam com medo do professor. Um respondeu: não é a dança professor! São as pessoas. Respondi: no que isso te incomoda? Vamos pensar sobre isso? Há uma única maneira de viver? E nessa conversação,

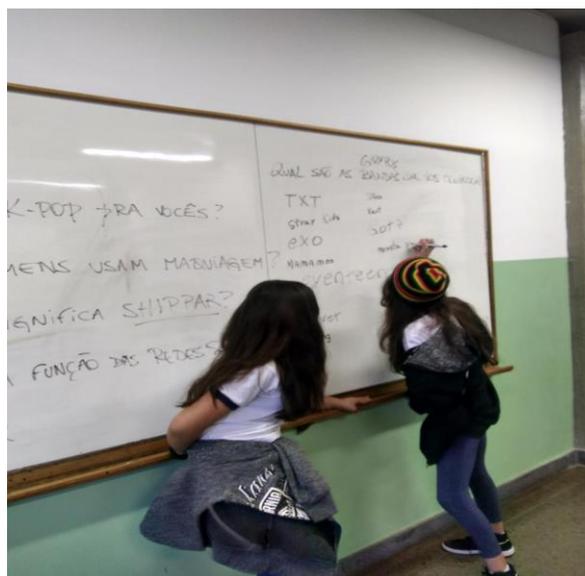
cartografamos na lousa a maneira como as instituições fortalecem o discurso homofóbico que atravessa o nosso pensamento. Essa atividade foi uma tentativa de realizar a desconstrução.

Continuando com a vivência, trouxe mais três vídeos das bandas BTS, Black Pink e Gangnam Style, fui atravessando um a um, pedindo para ficarem à vontade se quisessem dançar. Fui percebendo que cada vídeo afetou as crianças de uma maneira diferente e até quem não gostava de dançar vivenciou a dança com diferentes gestos.



O espaço escolar se tornou mais uma possibilidade interessante para um estudante ensinar o outro. Naquele dia, o que mais me marcou foi presenciar a alegria da Fernanda ao ter a chance de ensinar os passos para as colegas, montar coletivamente uma coreografia e potencializar assim a gestão das aprendizagens e as relações interpessoais entre eles de diferentes maneiras.

Na aula seguinte, recebemos duas garotas do 6º ano C. Foram convidadas a continuar o processo de contato com outras maneiras de dançar o k-pop. As duas estudantes adoram dançar e se autodenominam blinks.



Começamos na sala de aula, apresentei as meninas para a turma que ficou à vontade para perguntar sobre a dança e sobre elas. Como professor, eu tinha várias alternativas, poderia muito bem fechar a comunicação, definir o tema da conversação, mas optei por deixar o grupo livre e cada um perguntar o que quiser. Logo, surgiram perguntas pertinentes à prática corporal e uma certa preocupação sobre a sexualidade.

Durante o bate papo, emergiram várias indagações, a turma quis saber o que elas sabiam sobre o k-pop, se elas namoravam, se todos que gostam da dança coreana são gays e como fizeram para aprender os passos da dança. Após responderem essas perguntas, subimos para um outro espaço da escola, onde fizeram uma apresentação utilizando uma música da banda BTS.

Durante essa vivência, pude perceber a música afetando os seus corpos, que afetaram o corpo de uma das meninas da turma, a Fernanda, e que, ao som da música, entrou num estado que eu nunca vi antes. Observando a cena, meu corpo se arrepiou e comecei a chorar. As crianças da turma devem ter tido várias experiências próximas ou distantes da minha. .

O território da escola é povoado por diferentes culturas, sobretudo, por representantes do hip-hop. Aqui no São Luis, tem a Fábrica de Cultura que acolhe os jovens moradores do bairro. Nesse espaço há aulas de dança. Foi nesse local que conversei com a Ysla, uma aluna de hip-hop que adora k-pop. A garota já teve um grupo e durante a conversa relatou que as pessoas da Fábrica de Cultura odeiam a dança coreana.

Na semana seguinte, recebemos na escola a Ysla. Tivemos um bate-papo com ela, que explicou sobre o triste olhar que as pessoas do bairro têm para o k-pop, além disso, explicou que na Coreia os músicos de k-pop compõem as suas músicas exteriorizando sentimentos de

afeto, por essa razão muitos jovens que vivem esses preconceitos aqui no Brasil acabam se reconhecendo nas letras e na maneira de viver. É o motivo que os leva a adoram essa prática corporal.

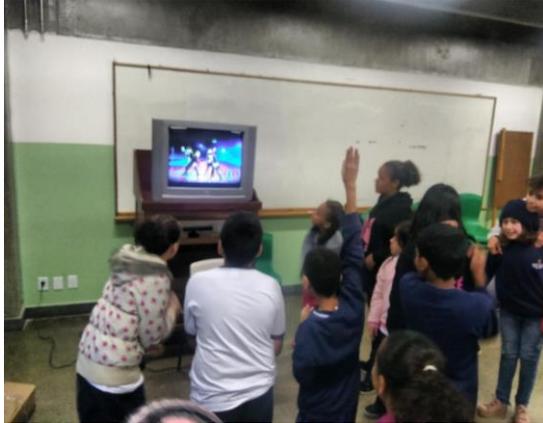


Depois da conversa, à turma teve uma aula de dança. A Ysla foi apresentando passos e coreografias que compõem a gestualidade do k-pop, ainda fez uma apresentação individual para a turma e uma outra apresentação com a aluna Fernanda, que se aproximou na hora da demonstração e juntas realizaram uma vivência.



A gestualidade dessa dança é influenciada, principalmente, por músicos e bandas estadunidenses. As coreografias e os gestos sofrem influências de grupos de hip-hop e pop americano. Não há uma padronização dos gestos, há um processo de criação “livre” e aberto ao contato com outras gestualidades. O que permite refletir sobre o pastiche que ocorre na criação das práticas corporais.

Em seguida, fizemos uma vivência utilizando o videogame x-box. Os alunos trouxeram jogos de k-pop e a turma teve mais uma experiência, agora interagindo com o ambiente virtual para desestabilizar algumas relações de poder e tentar produzir outros efeitos nos estudantes.



A composição do estudo foi aos poucos sendo alimentada pelas vozes que ecoaram durante a minha caminhada na escola, desde o início, na escolha do tema, identifiquei que duas alunas do 7º ano adoravam k-pop, qualquer dúvida que surgia sobre a dança, recorria a elas. Elas me ensinaram os códigos, as gírias e falaram sobre o preconceito que sofriam por gostar de meninas. Para elas, escutar k-pop era uma maneira de aliviar a alma, de esquecer a vontade de sumir e de amenizar a dor que sentiam por gostar de pessoas do mesmo sexo. Todos os dias elas subiam à quadra para se beijar.

Antes de chamá-las para conversar, preparei com a turma uma lista de questões. Nesse momento, direcionei a discussão para que pudessem refletir sobre a cultura coreana e aprender com as estudantes do 7º ano tudo aquilo que eu pude aprender. Além disso, já estava na hora de desnaturalizar algumas narrativas e repensar alguns discursos que emergiram durante a tematização.

A turma recebeu as meninas com maior carinho. Durante o contato, foram pedindo para elas explicarem o que era shipar? Por que as pessoas usavam as redes sociais e ficavam votando em qual músico mais gostavam? O que significa ser Uni? Blink? Army? Se havia grupos de homens, de mulheres, de homens e mulheres? Quais eram suas bandas favoritas? Por que gostavam tanto de k-pop? Se elas eram lésbicas? Se sofriam preconceitos? Se os músicos são todos gays?

As garotas oportunizaram um belo debate respondendo às diferentes perguntas sobre o tema. Naquele dia ainda explicaram que o k-pop é como se fosse uma empresa, onde as bandas são produzidas para o sucesso, e nesse processo, o público vai controlando via rede social quais

integrantes podem continuar na banda e qual não satisfaz seus desejos, tratando as pessoas como se fossem mercadorias, o que é uma característica da sociedade pós-moderna.

As crianças do 4º ano ainda tiveram a possibilidade de conversar abertamente sobre o assunto relacionado à sexualidade, o que permitiu uma explicação sobre a construção social de gênero em nossa sociedade e os problemas que isso tem, se um corpo for diferente do que é estipulado socialmente, por isso, que eles proferem discursos preconceituosos sobre o tema, fato que retomou a discussão de algumas aulas atrás, fortalecendo o processo de desconstrução.

Após analisamos a letra da banda BTS. A música “Oh my my my” fortaleceu o discurso das colegas, pois a composição aborda temas de afeto e dilemas que os jovens vivem com relação à sexualidade. Antes de terminar o encontro, todo mundo dançou e cantou.

Para finalizar o trabalho, como exercício do ato de criação, deixei a turma se organizar por grupos (com a quantidade de pessoas que quisessem) e, a partir da escolha de uma música, fizeram a apresentação de uma dança.

Com essa atividade, tentei amarrar todo o processo que ocorreu durante o projeto. Observei a gestualidade, o encontro que tiveram com a Ysla e a recusa que alguns estudantes tiveram sobre a dança.

No último dia, dois garotos me disseram na aula que dançar é legal, e nunca imaginaram que o k-pop fosse tudo isso!

Além disso, fizeram uma apresentação na festa da escola com a presença da Ysla, e ainda reivindicaram realizar mais uma apresentação no evento porque perceberam que foram destinados dois momentos a todas as danças apresentadas, enquanto o k-pop teve somente um! Rs....